

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
***CAMPUS* CERRO LARGO**
CURSO DE LETRAS - PORTUGUÊS E ESPANHOL

KESLIN CORRÊA DOS SANTOS GALARÇA

MEMES E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS: DISCURSO EM CIRCULAÇÃO NAS
MÍDIAS DIGITAIS

CERRO LARGO

2025

KESLIN CORRÊA DOS SANTOS GALARÇA

**MEMES E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS: DISCURSO EM CIRCULAÇÃO NAS
MÍDIAS DIGITAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Letras - Português e Espanhol da
Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS),
como requisito para obtenção do título de
licenciado em Letras - Português e Espanhol.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Caroline Mallmann Schneiders

CERRO LARGO

2025

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Galarça, Keslin Corrêa dos Santos
MEMES E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS: DISCURSO EM
CIRCULAÇÃO NAS MÍDIAS DIGITAIS / Keslin Corrêa dos
Santos Galarça. -- 2025.
35 f.:il.

Orientadora: Dr.^a Prof.^a Caroline Mallmann Schneiders

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Letras - Português e Espanhol, Cerro
Largo, RS, 2025.

I. Schneiders, Prof.^a Caroline Mallmann, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

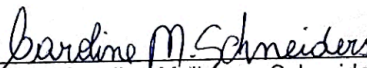
KESLIN CORRÊA DOS SANTOS GALARÇA

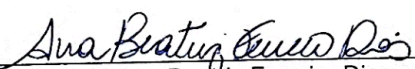
**MEMES E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS: DISCURSO EM CIRCULAÇÃO NAS
MÍDIAS DIGITAIS**

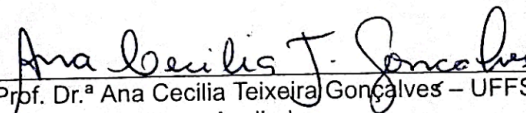
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Letras - Português e Espanhol da
Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS),
como requisito para obtenção do título de
licenciado em Letras - Português e Espanhol.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 03/07/2025.

BANCA EXAMINADORA


Prof.ª Dr.ª Caroline Maltmann Schneiders – UFFS
Orientadora


Prof. Dr.ª Ana Beatriz Ferreira Dias – UFFS
Avaliador


Prof. Dr.ª Ana Cecília Teixeira Gonçalves – UFFS
Avaliador

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha família, por todo o amor, apoio e incentivo ao longo da minha trajetória.

Aos meus amigos e colegas, que tornaram o percurso mais leve, divertido e cheio de aprendizados compartilhados. A convivência com vocês foi fundamental para minha formação.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Caroline Mallmann Schneiders, por todos os ensinamentos, pelas orientações, pela paciência comigo e por todas as contribuições fundamentais que possibilitaram a realização deste trabalho.

Por fim, agradeço à Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) por ter me proporcionado uma formação de qualidade. Esta instituição marcou profundamente a minha história, e levo comigo todo o conhecimento e as experiências vividas ao longo desses anos.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar como os memes, enquanto práticas discursivas digitais, contribuem para a produção e atualização de sentidos racistas nas redes sociais. A pesquisa fundamenta-se na Análise de Discurso de linha pecheuxtiana, mobilizando conceitos como *sujeito*, *ideologia*, *interdiscurso* e *memória discursiva*, com base principalmente nos estudos de Michel Pêcheux e Eni Orlandi. O *corpus* de análise é composto por dois memes que circularam durante as edições do Big Brother Brasil 24 e 25, envolvendo representações de mulheres negras a partir de estereótipos históricos de subalternidade e animalização. A análise demonstra que os memes selecionados, ao recorrerem ao humor para veicular essas imagens, atualizam discursos racistas já naturalizados na sociedade. Esses enunciados operam como efeitos da *memória discursiva* e da *ideologia*, mostrando como sentidos discriminatórios podem ser reproduzidos no ambiente digital sob a forma de entretenimento.

Palavras-chave: Análise de Discurso; memes; discurso digital.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo analizar cómo los memes, en tanto prácticas discursivas digitales, contribuyen a la producción y actualización de sentidos racistas en las redes sociales. El trabajo se fundamenta en el Análisis del Discurso de línea pecheuxtiana, movilizando conceptos como *sujeto*, *ideología*, *interdiscurso* y *memoria discursiva*, basándose principalmente en los estudios de Michel Pêcheux y Eni Orlandi. El *corpus* de análisis está compuesto por dos memes que circularon durante las ediciones de Big Brother Brasil 24 y 25, los cuales presentan representaciones de mujeres negras a partir de estereotipos históricos de subalternidad y animalización. El análisis demuestra que los memes seleccionados, al recurrir al humor para vehicular tales imágenes, actualizan discursos racistas ya naturalizados en la sociedad. Estos enunciados operan como efectos de la *memoria discursiva* y de la *ideología*, mostrando cómo sentidos discriminatorios pueden reproducirse en el ambiente digital bajo la forma de entretenimiento.

Palabras-clave: Análisis del Discurso; memes; discurso digital.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O DISPOSITIVO TEÓRICO: SUJEITO, IDEOLOGIA E INTERDISCURSO.....	10
2.2 OS MEMES COMO PRÁTICAS DISCURSIVAS DIGITAIS.....	12
3. DISPOSITIVO DE ANÁLISE: MEMES RACISTAS E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS NO BIG BROTHER BRASIL.....	16
3.1 REPRESENTAÇÕES RACISTAS DE MULHERES NO BBB 24.....	18
3.2 A ANIMALIZAÇÃO DO CABELO NEGRO NO BBB 25.....	24
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS.....	31

1. INTRODUÇÃO

Na era digital contemporânea, os memes surgem como um dos fenômenos mais característicos e dinâmicos de comunicação nas redes sociais. Esses conteúdos, aparentemente simples e humorísticos, ganharam popularidade global, sendo compartilhados e adaptados em uma velocidade sem precedentes. Mais do que simples formas de entretenimento, os memes configuram-se como práticas discursivas determinadas por questões sociais, políticas e culturais.

As redes sociais desempenham um papel crucial nesse processo, pois ampliam a circulação dos memes e transformam a maneira como discursos ideológicos se articulam e se propagam. No contexto brasileiro, por exemplo, os memes têm sido utilizados para abordar questões relevantes, como movimentos sociais e eventos culturais, frequentemente oferecendo um olhar crítico e irônico sobre temas contemporâneos, especialmente em uma sociedade marcada pela intensa circulação de informações e pela rapidez das interações *online*.

Entre as formas de entretenimento de grande alcance, especialmente aquelas veiculadas pela televisão aberta, destaca-se o programa Big Brother Brasil (BBB), que, constantemente, torna-se palco para embates discursivos que envolvem raça, classe e gênero. Nesse contexto, memes de teor racista têm circulado nas redes sociais, como os que representam participantes negras a partir de estereótipos históricos e racistas, como mucamas ou associadas a figuras animais.

Diante dessa problemática, esta pesquisa propõe uma análise de memes fundamentados na perspectiva da Análise de Discurso (AD), com base nos pressupostos de Michel Pêcheux e Eni Orlandi. Sob essa perspectiva teórica, selecionou-se, como *corpus* de análise, memes racistas associados a participantes do BBB, os quais serão abordados como construções discursivas que não apenas espelham realidades sociais, mas também contribuem para a produção de sentidos, agindo como veículos de ideologias e influências culturais.

Assim, objetiva-se compreender como os memes, enquanto práticas discursivas, contribuem para a produção de sentidos racistas no contexto contemporâneo. Busca-se, nesse sentido, analisar os memes pelo viés da perspectiva da Análise de Discurso de linha pecheuxtiana, explicitando o processo de constituição desses enunciados digitais e compreendendo como elementos sociais, políticos e culturais se articulam na construção de seus significados.

Ademais, pretende-se entender a relação entre ideologia, discurso e a produção de sentidos racistas nos memes, bem como observar como o interdiscurso e a memória discursiva operam na construção dos discursos de ódio racial que circulam nas redes sociais. Além disso, este trabalho busca estudar o papel dos memes na formação de opiniões e na circulação de discursos racistas no ambiente digital contemporâneo.

A relevância desta pesquisa está diretamente relacionada ao papel dos memes como práticas discursivas que participam ativamente da construção de significados no cenário contemporâneo. Sua ampla circulação nas redes digitais, bem como sua capacidade de dialogar com práticas sociais e de refletir questões sócio-históricas e culturais, tornam os memes objetos fundamentais para a análise dos modos de produção e de naturalização de sentidos, efeito produzido pela determinação ideológica a que todo discurso é submetido.

Entendidos como fenômenos discursivos, os memes vão além da função de entretenimento, configurando-se como instrumentos que moldam debates, reforçam posições ideológicas e incitam reflexões sociais. Essa capacidade de produzir novos sentidos e influenciar visões de mundo está diretamente ligada à lógica de replicação que os caracteriza, já que, ao serem copiados e disseminados, ajudam a fixar crenças, valores e padrões culturais por meio da familiaridade com o que é compartilhado (Moraes; Mendes; Lucarelli, 2011).

Sob a perspectiva da Análise de Discurso Pecheuxtiana, entende-se que a constituição dos memes está diretamente vinculada à relação entre discurso e ideologia. Circulando entre múltiplos contextos, esses enunciados ativam o interdiscurso, mobilizando memórias e discursos anteriores que influenciam a produção de novos sentidos. Assim, analisar os memes que veiculam sentidos racistas e que circulam no entorno do Big Brother Brasil possibilita explicitar a atualização de discursos de ódio racial nas redes sociais, bem como os mecanismos discursivos que sustentam tais práticas.

Dessa maneira, este estudo pretende contribuir para a compreensão de como elementos culturais, sociais, históricos e políticos se entrelaçam na constituição dos sentidos produzidos pelos memes. Em uma sociedade caracterizada pela velocidade e pelo alcance das interações digitais, compreender o funcionamento discursivo dos memes torna-se essencial para os estudos linguísticos e sociais, sobretudo no que diz respeito à construção e a circulação de discursos de ódio e discriminação racial.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O DISPOSITIVO TEÓRICO: SUJEITO, IDEOLOGIA E INTERDISCURSO

Este trabalho está fundamentado nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso (AD) de linha pecheuxtiana, mobilizando conceitos como discurso, interdiscurso, sujeito e ideologia. Essa linha teórica, cujo principal representante é o francês Michel Pêcheux, oferece as bases para compreender como a ideologia se materializa na linguagem e se manifesta por meio do discurso.

Para o desenvolvimento dessa reflexão, mobiliza-se, como objeto de análise, o meme, o qual é considerado como um discurso. Na concepção da AD, o discurso é um espaço privilegiado onde se articulam as relações entre o simbólico e o político, sendo, por meio da análise discursiva, que se podem explicitar os mecanismos históricos que determinam a produção de significados. Nessa perspectiva, Pêcheux considera central a análise do discurso como um meio para compreender os processos de significação histórica. Nesse viés, Orlandi (2005) pontua:

Concebe o discurso como um lugar particular em que esta relação ocorre e, pela análise do funcionamento discursivo, ele objetiva explicitar os mecanismos da determinação histórica dos processos de significação. Estabelece como central a relação entre o simbólico e o político (Orlandi, 2005, p.10).

No Brasil, Eni Orlandi destaca-se como a principal representante dessa corrente teórica. Ela define o discurso como uma prática da linguagem em movimento, diferente da gramática ou da língua isolada. Orlandi destaca que a Análise de Discurso se dedica a estudar esse movimento da palavra, investigando como os sentidos são produzidos em contextos específicos.

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (Orlandi, 2005, p.15).

Para a AD, o discurso ultrapassa a mera transmissão de informações, assumindo um papel central na constituição do sujeito e na mediação entre língua, história e ideologia. Por meio da linguagem, o indivíduo é interpelado pela ideologia e passa a se constituir como sujeito inserido em processos históricos. Essa relação é indissociável: não há discurso sem sujeito, assim como não há sujeito desvinculado da ideologia. As relações de linguagem, portanto, não são neutras; seus efeitos de sentido são múltiplos e variados. (Orlandi, 2005).

Ainda, Orlandi define o discurso como “funcionamento da linguagem que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história” (Orlandi, 2005, p. 20). Essa definição reforça a ideia de que compreender o discurso implica observar a língua em seu processo de produção de sentido, como parte do trabalho simbólico e social que molda o ser humano e sua trajetória histórica.

Para o viés discursivo, não existe discurso sem sujeito e sujeito sem ideologia. O conceito de ideologia, na perspectiva da AD, não se limita a ser um conjunto de representações ou uma forma de ocultar a realidade. Orlandi a define como “prática significativa, discursiva”, que emerge da relação necessária entre sujeito, língua e história para a produção de significados (Orlandi, 1996, p. 28). Essa perspectiva reconhece que a ideologia está intrinsecamente ligada ao processo discursivo, manifestando-se na própria estrutura da linguagem e nos sentidos produzidos pelos sujeitos.

O sujeito, por sua vez, é concebido na AD de maneira distinta da visão psicológica tradicional, que o enxerga como plenamente consciente de si mesmo, trata-se de um sujeito determinado ideologicamente. Segundo Orlandi (1996), o sujeito discursivo é estruturalmente dividido, marcado pela falta, o que o leva a desdobrar-se em diferentes vozes. Nesse contexto, ele não é um indivíduo autônomo e intencional, mas uma posição discursiva ocupada dentro de relações sociais e históricas. O sujeito se constitui em diferentes posições-sujeito, de acordo com as formações discursivas e ideológicas às quais está vinculado. Isso significa que o sujeito se constitui em múltiplas posições, variando conforme os discursos em que está imerso. Essa multiplicidade indica o caráter dinâmico do processo discursivo e aponta para como o sujeito é afetado por forças sociais e ideológicas. Como afirma Pêcheux, “é preciso que ele se despossua para possuir (a linguagem)” (Pêcheux, 1975, p. 28). Essa posição, que o sujeito ocupa para significar, não é

plenamente acessível a ele, pois depende de uma exterioridade – o interdiscurso – que o constitui (Orlandi, 1996, p. 28).

O interdiscurso, ou memória discursiva, é outro conceito essencial na AD. Trata-se do "já-dito" que possibilita o dizer, o saber discursivo ao qual os sujeitos estão vinculados. Essa memória, que não é aprendida conscientemente, atua por meio da ideologia e do inconsciente, produzindo efeitos nos sentidos que o discurso gera. É a partir do interdiscurso que se estabelece a relação entre o que foi dito anteriormente e os novos sentidos produzidos, explicitando como os sujeitos e os discursos estão imersos em uma rede histórica e social de significação. Nesse sentido, Orlandi (2005) define como memória discursiva o saber que torna possível todo o dizer:

O saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada (Orlandi, 2005, p.31).

A partir dos conceitos apresentados, é possível observar como os discursos, sustentados pela relação entre sujeito, ideologia e interdiscurso, manifestam-se nas mais diversas formas, incluindo os fenômenos comunicacionais contemporâneos. Dentre estes, os memes se destacam como objetos discursivos relevantes para análise, uma vez que são formas discursivas poderosas no ambiente digital.

2.2 OS MEMES COMO PRÁTICAS DISCURSIVAS DIGITAIS

Assim como qualquer enunciado, os memes não são produzidos de forma isolada, mas estão imersos em um contexto histórico e ideológico, colocando em funcionamento posições-sujeito diversas. Eles funcionam como dispositivos de significação, construindo e reforçando sentidos a partir de um jogo de linguagem que envolve elementos culturais, sociais e políticos. Nesse sentido, os memes podem ser vistos como um espaço onde se articula a ideologia, o inconsciente coletivo e as relações de poder, criando um "discurso" que é constantemente renovado e reconfigurado à medida que circula e se transforma nas redes sociais.

Ao pensar os memes como práticas discursivas inseridas nas dinâmicas comunicacionais da internet, é fundamental considerar não apenas os seus conteúdos, mas também os modos como circulam e afetam os sentidos que produzem. A circulação nas redes sociais não é um simples meio de transmissão, mas parte constituinte do processo de significação, interferindo diretamente na forma como os discursos são recebidos, interpretados e ressignificados. A rapidez com que esses textos se propagam, somada à constante atualização de seus sentidos, indica que o discurso digital se constrói pela circulação, atravessando diferentes contextos e sendo continuamente ressignificados.

Como afirma Cristiane Dias (2018),

É pela circulação (compartilhamento, viralização, comentários, postagens, hashtags, memes, links...) que o digital se formula e se constitui. De outro modo, diríamos que o discurso digital se formula ao circular. E isso faz diferença na produção dos sentidos. Essa mudança na ordem não quer estabelecer uma relação de anterioridade de um momento em relação ao outro, mas de perspectiva. Olhar o processo de produção dos discursos pela via da circulação tem a ver com um sentido que se produz no efêmero, no agora. É esse modo de existência dos discursos que se impõe ao pensarmos sua constituição (Dias, 2018, p. 29).

Os memes são conceituados por Cristiane Dias (2019, p. 60) como a "forma material do discurso digital", cujo funcionamento se dá a partir da repetição, como que num "efeito cascata". Dias (2019) explica que, normalmente, nos memes haverá um elemento (imagem, vídeo, tag, gifs, etc.) que vai se repetir e outro que vai mudar, "sustentando a possibilidade de expansão da série, a abertura do simbólico" (Dias, 2019, p. 57), do deslizamento de sentido.

Ainda, Cristiane Dias (2016, p.18), afirma que, sob a perspectiva da Análise de Discurso, o digital é um campo de discursividades constitutivo do espaço, do sujeito e do sentido, do conhecimento, com sua materialidade própria. Nesse sentido, a Análise de Discurso coloca questões (im)pertinentes ao digital, fazendo deslocar tanto a teoria, pelas questões que formula, quanto o digital, pois, ao questionar suas evidências e sentidos cristalizados, produz sentidos outros, desvios no processo de significação já estabilizado pelo "técnico".

O termo "meme" tem origem na biologia, sendo descrito pela primeira vez pelo zoólogo Richard Dawkins em seu livro "O Gene Egoísta" (1976) como uma unidade de transmissão cultural entre humanos. A palavra deriva do grego *mimeme*,

que significa "imitação". A "memética" proposta por Dawkins baseia-se nas teorias darwinistas da evolução genética, pois ele considerava o "meme" uma unidade de evolução cultural humana.

Mais tarde, em 1999, Susan Blackmore ampliou o conceito de "meme" em seu livro *The Meme Machine*, definindo-o como "uma ideia, comportamento, estilo ou prática que se espalha de pessoa para pessoa dentro de uma cultura" (Blackmore, 2000, p. 65). Dessa forma, Blackmore destaca que os "memes" representam aquilo que aprendemos, de forma consciente ou inconsciente, por meio da imitação. Segundo ela,

"[...] quando você imita outra pessoa, algo é transmitido adiante. Esse 'algo' pode então ser replicado novamente e, ao se espalhar, acaba ganhando uma vida própria. Podemos chamá-lo de ideia, instrução, comportamento, informação... mas, se queremos estudá-lo, precisamos dar-lhe um nome. Felizmente, há um nome: é o 'meme'." (Blackmore, 2000, p. 4).

Para Blackmore (2000) e Dawkins (2007), os memes operam como replicadores de ideias, desempenhando um papel crucial na evolução cultural. Eles não apenas se propagam, mas também evoluem em sintonia com as mudanças culturais. Dawkins (2007), em especial, destaca um aspecto singular dos memes, atribuindo-lhes um caráter de replicação individual que é diretamente influenciado pelas ações humanas. Ele argumenta que os memes se disseminam de um cérebro para outro, funcionando como portadores do fator evolutivo cultural. Essa dinâmica é comparável ao modo como os genes se replicam entre organismos vivos, transmitindo características físicas. Assim, enquanto os genes são os veículos da evolução biológica, os memes desempenham um papel análogo na evolução cultural.

Para Testa (2020), o gênero digital meme é um dos gêneros mais utilizados na contemporaneidade, especialmente entre o público jovem. Ele é caracterizado por sua capacidade de abordar uma diversidade de temas da realidade, frequentemente com um tom humorístico. No entanto, além de provocar risos, os memes têm uma função reflexiva, incentivando os leitores a construir significados e refletir sobre diferentes questões. Dessa forma, o gênero vai além da simples diversão, atuando como um estímulo para discussões e interpretações mais amplas acerca de temas sociais, culturais e políticos.

Santos (2015, p. 15) ressalta que "o meme se assemelha à charge tanto pelo humor quanto pela crítica [...], mas não se restringe a fatos políticos". O autor aponta que o meme compartilha características com o cartum, especialmente no que diz respeito ao seu teor crítico. Essa crítica pode estar relacionada aos costumes, às realidades sociais mais amplas ou a fatos amplamente conhecidos pelo público. Dessa forma, os memes ampliam os limites da crítica humorística, ao mesmo tempo que dialogam com diferentes formatos e temas.

De acordo com Silva (2020), o discurso mêmico é caracterizado por uma interação singular entre palavras e imagens. O meme constitui uma discursividade única que integra tanto os elementos verbais quanto os não verbais em uma unidade significativa. Essa fusão entre texto e imagem é fundamental para a construção de sentido, pois é com base nessa materialidade híbrida que o meme se torna um veículo eficaz de comunicação e expressão cultural.

Com base nos pressupostos da Análise de Discurso de linha pecheuxtiana, é possível compreender os memes como práticas discursivas que contribuem para a produção e ressignificação de sentidos na contemporaneidade. Fundamentados em conceitos como interdiscurso, ideologia e sujeito, os memes apresentam-se como manifestações discursivas complexas, que articulam memória, história e relações de poder. Essa perspectiva teórica permite compreender como esses objetos digitais transcendem a função de entretenimento, tornando-se ferramentas de expressão ideológica e reflexão social. Assim, o referencial teórico aqui delimitado serve de base para analisar os memes em sua dimensão discursiva, observando os efeitos de sentidos que eles produzem e sua relevância no cenário comunicacional atual.

3. DISPOSITIVO DE ANÁLISE: MEMES RACISTAS E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS NO BIG BROTHER BRASIL

A AD não segue uma metodologia fixa e pré-definida, constituindo-se como um dispositivo teórico que possibilita ao analista construir dispositivos analíticos específicos, ajustados às questões e ao material de pesquisa em questão. Como ressalta Orlandi (2005, p. 27), “o dispositivo teórico encampa o dispositivo analítico”, sendo a forma deste último definida pelo analista em função das particularidades do objeto estudado, dos conceitos utilizados e dos objetivos da análise.

Nesse sentido, este trabalho propõe a construção de um dispositivo analítico voltado para o estudo de memes racistas que circularam no contexto do Big Brother Brasil, considerando suas especificidades como objetos discursivos inseridos no ambiente digital contemporâneo. Os memes selecionados foram escolhidos por sua ampla circulação nas redes sociais e pela possibilidade de problematizar discursos de ódio racial atualizados.

Figura 1: Meme que representa participantes negras como mucamas, relacionado às participantes Raquela Cardozo, Yasmin Brunet e Leidy Elin, ambas do BBB 24.



Fonte: Reprodução das redes sociais. Circulação pública via Facebook, 2024.

Figura 2: Meme que associa o cabelo afro da participante Aline Patriarca do BBB 25 a cobras.



Fonte: Reprodução das redes sociais. Circulação pública via Twitter/X, 2025.

A análise desses memes busca contemplar não apenas a materialização de discursos racistas, mas também observar como essas práticas discursivas articulam relações de poder, ideologia e memória histórica. A história, conforme Nunes (2007), deve ser vista como constitutiva na produção de sentidos. Assim, é fundamental historicizar os discursos mêmicos, pois isso permite explicitar os mecanismos ideológicos que se repetem em diferentes momentos históricos e identificar deslocamentos e rupturas nos processos de significação.

No âmbito teórico, este estudo mobiliza conceitos fundamentais da AD, como discurso, ideologia, sujeito e interdiscurso, para compreender a materialidade discursiva dos memes selecionados, os quais foram teorizados anteriormente. Enquanto práticas discursivas, os memes são constituídos por já-ditos, combinando elementos linguísticos e visuais na construção de sentidos. Como aponta Pêcheux (1990), a memória discursiva é central nesse processo, articulando o "já-dito" a novas formulações, permitindo ao analista observar as marcas históricas e sociais inscritas no discurso.

A análise considera os memes como enunciados situados em contextos históricos e ideológicos específicos, nos quais o discurso de ódio racial é atualizado por meio de formas simbólicas e humorísticas. Sob essa perspectiva, a AD permite explicitar os efeitos de sentido produzidos da relação entre sujeitos, língua e história. A noção de ideologia, entendida como prática significativa (Orlandi, 1996), orienta a compreensão de como os memes reforçam, naturalizam ou contestam posições ideológicas racistas na esfera pública.

Considerando a singularidade do discurso mêmico, a análise articula texto e imagem como elementos fundamentais para a produção de sentido. Silva (2020) argumenta que a interação entre o verbal e o visual é central nos memes, refletindo a complexidade de sua materialidade discursiva. Essa característica demanda um olhar atento à inter-relação entre o simbólico e o político, aspecto que constitui o cerne da abordagem da AD.

3.1 REPRESENTAÇÕES RACISTAS DE MULHERES NO BBB 24

A análise de memes como práticas discursivas digitais exige atenção aos gestos de interpretação que os constituem e aos efeitos de sentido que produzem.

Como afirma Orlandi (1996),

A interpretação está presente em toda e qualquer manifestação da linguagem. Não há sentido sem interpretação. Mais interessante ainda é pensar os diferentes gestos de interpretação, uma vez que linguagens, ou as diferentes formas de linguagem, com suas diferentes materialidades, significam de modos distintos (Orlandi, 1996, p.9).

No caso dos memes, esses gestos se atualizam na relação entre o verbal, o visual e o histórico, sendo atravessados por ideologias e memórias que determinam posições-sujeito e sentidos possíveis. Assim, o que parece uma simples brincadeira ou crítica visual pode operar como atualização de discursos opressores.

Esses sentidos variam conforme a forma pela qual o discurso se apresenta, sendo historicamente determinados e ideologicamente marcados. Desse modo, conteúdos que circulam sob o disfarce do humor ou da leveza podem, na verdade, reforçar discursos de opressão e de ódio, ao reproduzirem sentidos já naturalizados na sociedade.

O primeiro meme analisado (Figura 1) circulou nas redes sociais durante a edição do BBB 24 (Big Brother Brasil) e apresenta uma montagem em que as participantes negras Raquele Cardozo e Leidy Elin são contrapostas à participante branca Yasmin Brunet. A imagem evoca um estereótipo racializado de longa duração, associando mulheres negras à figura histórica de mucama.

Sobre essa representação, González (2020) explica que a mulher negra, na sociedade brasileira, é comumente reduzida a um corpo explorado, seja economicamente, seja sexualmente. Segundo a autora:

O estereótipo estabelece a relação: mulher negra = trabalhadora doméstica. O ditado “branca para casar, mulata para fornicar e negra para trabalhar” é exatamente como a mulher negra é vista na sociedade brasileira: como um corpo que trabalha e é superexplorado economicamente, ela é a faxineira, arrumadeira e cozinheira, a “mula de carga” de seus empregadores brancos; como um corpo que fornece prazer e é superexplorado sexualmente, ela é a mulata do Carnaval cuja sensualidade recai na categoria do “erótico-exótico” (González, 2020, p. 170).

Ao transformar essa lógica em conteúdo humorístico, a fim de viralizar na internet, o meme reforça e atualiza estereótipos racistas no espaço digital, contribuindo para a sua circulação e naturalização. O gesto de interpretação que sustenta esse enunciado não apenas reproduz um imaginário colonial, como também o reposiciona em um cenário midiático contemporâneo, onde o racismo aparece como uma forma de entretenimento. Nesse processo, é a circulação que sustenta a formulação dos dizeres no digital, funcionando como ponto de partida para a produção de sentidos (Dias, 2018, p. 33).

A circulação dos discursos no espaço digital não apenas amplia seu alcance, mas também altera seus sentidos e funções sociais. No caso dos memes, essa circulação massiva por meio da reprodução constante modifica o modo como os enunciados são formulados e recebidos. Como aponta Dias (2018, p. 34), “o que se observa é que a maneira de circular altera o sentido da arte e sua função social. Trata-se de uma circulação por reprodução. É a circulação que produz mudanças no modo da formulação.” Assim, o compartilhamento de conteúdos humorísticos com teor racista contribui para a reconfiguração de discursos discriminatórios em forma de entretenimento.

A partir da Análise de Discurso de linha pecheuxtiana, é possível compreender esse enunciado como uma atualização do interdiscurso racista, que se

ancora em memórias históricas já naturalizadas. Como aponta Orlandi (2005), o discurso se constitui pela relação com o que já foi dito, e o sujeito só pode significar porque está imerso em uma rede de dizeres anteriores. Nesse meme, o efeito de sentido não se produz apenas pela justaposição de imagens, mas pela ativação de uma memória discursiva que reposiciona o corpo negro feminino em um lugar já conhecido.

Segundo Orlandi (2005), a memória discursiva é o saber que torna possível todo dizer, operando como uma base invisível que sustenta o dizível. No caso do meme, o gesto de interpretação que o constitui apoia-se no já-dito sobre a mulher negra como um corpo submisso e explorado. A repetição dessa imagem, mesmo que em tom cômico, atualiza e reforça sentidos racistas, reduzindo as mulheres negras a corpos subordinados e a representações estereotipadas.

Ainda, o meme, que retrata Raquele Cardozo e Leidy Elin como mucamas ao lado de Yasmin Brunet, faz uso de uma montagem baseada em uma imagem que ganhou repercussão em 2020: uma fotografia da então diretora da Vogue Brasil, Donata Meirelles, sentada em uma cadeira de destaque, rodeada por duas mulheres negras com trajes que se assemelhavam aos usados por escravas no período colonial. A imagem original foi amplamente criticada por remeter a cenas da escravidão e da elite colonial brasileira.

Figura 3: Imagem usada para fazer a montagem do meme racista do BBB 24.



Fonte: Reprodução das redes sociais. Circulação pública via Instagram, 2020.

Ao se ancorar nessa fotografia para construir o meme, a montagem constrói uma crítica visual que coloca as participantes do BBB em posições socialmente marcadas, a mulher branca no centro, adornada e empoderada, enquanto as mulheres negras estão em posição lateral e servil. Esse gesto de formulação não apenas atualiza a memória de um passado colonial, mas também a reinscreve em um contexto midiático contemporâneo, revelando como as estruturas de poder racial permanecem operando na sociedade brasileira.

Nesse tipo de montagem, observa-se um funcionamento típico dos chamados “fotomemes”, em que o deslocamento de sentido se realiza por meio da manipulação imagética. Como afirma Neta (2016):

Boa parte do humor gerado na Internet advém de fotografias que provocam um extensivo devir criativo em forma de fotomontagens, ou seja, fotomemes. Tal gênero é ancorado na apropriação de um elemento fotográfico através de recorte e/ou de justaposição, gerando um desvio do significado original ao agregar novos contextos e valores através da adulteração da imagem (Neta, 2016, p.92).

Sob o ponto de vista da Análise de Discurso, tal funcionamento está diretamente vinculado ao entrecruzamento de formas de memória distintas. Orlandi (2013) distingue a memória discursiva, constituída pelo esquecimento e pelo trabalho do interdiscurso, da memória metálica, própria das máquinas e do digital técnico, sustentada pela lógica do armazenamento ilimitado e da reprodutibilidade. Essa memória metálica, ao não esquecer, reforça a ideia de que a linguagem é direta e transparente. Com isso, o discurso parece neutro e óbvio, o que facilita a repetição de falas racistas disfarçadas de humor, sem que se questione seus sentidos. Conforme Orlandi,

Distingo a memória discursiva (interdiscurso, constituída pelo esquecimento) a memória metálica (das máquinas) e a memória de arquivo, sendo esta a memória institucional, a que não esquece e alimenta a ilusão da "literalidade", acentuando a ilusão de transparência da linguagem, sustentada pelas instituições, lugares por onde circula o discurso documental e que servem a sua manutenção e estabilização (Orlandi, 2013, p. 4).

Nesse sentido, o meme em questão faz relação com o que Pêcheux (1999) chama de “acontecimentos sem profundidade”. Chamados assim, enunciados que, saturados pela repetição, produzem sentidos rasos, descontextualizados e

aparentemente esvaziados de historicidade. Como explica Cristiane Dias, a memória metálica promove um retorno constante ao já-dito, replicando em grande escala enunciados que, longe de problematizar as marcas ideológicas do passado, apenas os mantêm em circulação como se fossem naturais. (Dias, 2016, p.18).

Além disso, o meme pode se relacionar à pintura “O Jantar”, de Jean-Baptiste Debret, que retrata uma cena do Brasil escravocrata, evidenciando a estrutura social construída no período colonial, em que pessoas negras são representadas em posições de subserviência. Essa imagem contribui para a constituição de um imaginário racial e de classe que, embora originado naquele contexto histórico, continua sendo reproduzido e naturalizado na sociedade brasileira contemporânea.

Figura 4: Pintura “O Jantar”, de Jean-Baptiste Debret.



Fonte: <https://www.historiadomundo.com>.

A presença de negros, mais especificamente de mulheres negras em posições de servidão na pintura de Debret evidencia como a estrutura social escravocrata construiu uma hierarquia racial e de gênero que permanece operante até os dias atuais. A figura da mulher negra, retratada como servil e desumanizada, reverbera em representações contemporâneas, como em memes e nas condições materiais em que muitas ainda se encontram inseridas. Essa permanência histórica revela um processo de continuidade da marginalização, em que o corpo da mulher negra segue sendo objeto de controle e exploração. Como afirmam Rezende e Tárrega (2021), a vivência da mulher negra no período

escravocrata já indicava como seu corpo era submetido ao domínio do colonizador branco, tanto por meio do trabalho forçado quanto da exploração sexual, sendo objetificado como território a ser colonizado e inserido em uma lógica de poder que persiste desde o período colonial.

A experiência vivida pela mulher negra durante o período escravocrata brasileiro revelou como seu corpo era controlado e explorado pelo colonizador branco por diversas formas, seja através do trabalho braçal, seja através da exploração sexual. A objetificação do corpo feminino negro o colocou enquanto território a ser colonizado, demonstrando o quão central ele era em uma lógica de poder desde o período colonial (Rezende; Tárrega, 2021, p. 239-240).

Retomando González (2020), observa-se que as representações sociais das mulheres negras ainda estão majoritariamente associadas a estereótipos de submissão profissional e sexual. Essas imagens reforçam uma lógica de desumanização e marginalização, na qual o corpo da mulher negra é constantemente associado a funções subalternas. Nesse sentido, Pacheco (2008) destaca:

A mulher negra e mestiça estaria fora do "mercado afetivo" e naturalizada no "mercado do sexo", da erotização, do trabalho doméstico, feminilizado e "escravizado"; em contraposição, as mulheres brancas seriam [...] pertencentes "à cultura do afetivo", do casamento, da união estável (Pacheco, 2008, p. 13).

Por fim, o meme do BBB 24 explicita como discursos racistas persistem no imaginário social e são reatualizados no espaço digital por meio de enunciados que articulam humor, visualidade e memória histórica. A imagem de Raquele Cardozo e Leidy Elin como mucamas não é apenas um meme que envolve um reality show famoso, ela mobiliza sentidos profundamente enraizados na colonialidade brasileira e os projeta no presente, contribuindo para a manutenção simbólica da subalternidade racial. Ao atuar sob a lógica da memória metálica e da circulação incessante, o digital torna-se terreno fértil para a reprodução de sentidos opressores, esvaziando a possibilidade de crítica e deslocamento. Nesse contexto, compreender o funcionamento discursivo de tais memes é fundamental para desnaturalizar os efeitos de sentido que sustentam formas contemporâneas de racismo, muitas vezes, mascaradas de humor ou entretenimento.

3.2 A ANIMALIZAÇÃO DO CABELO NEGRO NO BBB 25

O segundo meme analisado retrata a participante Aline Patriarca, do BBB 25, associando visualmente seu cabelo afro a cobras, o que instaura uma analogia simbólica entre a textura do cabelo negro e elementos animais. Essa representação mobiliza um discurso de cunho racista, ao recorrer a um processo de animalização do corpo negro, historicamente presente na construção de estigmas sociais. A figura de Aline, nesse contexto, é transformada em um "monstro" simbólico, cuja aparência é marcada como anormal, desviando de um padrão hegemônico de beleza. Como aponta Courtine (2008), a constituição da monstrosidade se dá pela instauração de anormalidades, viabilizada por "produção de discursos, circulação de imagens, consumo atento e curioso de signos, inscrição do monstro no campo imaginário da representação" (Courtine, 2008, p. 274). O meme, portanto, atua como um desses signos que circulam socialmente, reforçando a inscrição do corpo negro no campo do imaginário monstruoso, por meio de uma estética do grotesco que transforma características naturais em motivo de escárnio e exclusão.

Nesse enunciado digital, o que se observa é o surgimento de um efeito de monstrosidade, operado pelo gesto de transformar um traço identitário em algo grotesco. Trata-se de um discurso de ódio racial que se realiza sob a forma de humor, amenizando a agressividade em um suposto tom humorístico. Como Orlandi (2008) nos lembra, a repetição de sentidos em que se considera sua historicidade, muito presente nas mídias e no discurso digital, produz uma "memória achatada", em que o passado é esvaziado de sua complexidade e reaparece como naturalizado. No caso do meme, a associação entre o cabelo afro e cobras relaciona uma longa história de animalização do corpo negro com o humor, apagando os efeitos de violência simbólica que a constituem.

A esse respeito, Modesto (2018, p. 132) observa que "há um funcionamento social que situa [o negro] em lugares específicos de identificação: o perigoso, o diferente, o exótico, o mau etc.". Essa lógica atravessa o discurso digital e reaparece em representações como a do meme, onde a mulher negra é associada ao estranho, ao ameaçador, àquilo que deve ser evitado ou ridicularizado. O corpo negro, assim, não é apenas representado, mas posicionado socialmente a partir dessas imagens.

Assim, uma formulação racista se desdobra em novas formas, como o meme humorístico, sem romper com o domínio do sentido já dado, reafirmando a exclusão sob a aparência da brincadeira. Nesse processo, o gesto discursivo não opera no campo da constituição dos sentidos, mas apenas os repete sob novas roupagens, conforme aponta Orlandi (2008), “Uma formulação se transforma em várias outras sem que se toque no domínio da constituição, onde um sentido poderia vir a ser outro, na sua historicidade. Produz-se assim uma memória achatada, horizontal.” (p. 182).

Além disso, o meme explicita o que Orlandi (2013) nos aponta sobre a materialidade do gesto de interpretação no digital: “a materialidade do gesto de interpretação está por historicidade, memória.” (Orlandi, 2013, p. 3). Ao integrar imagem e texto, o meme aciona sentidos que não se constroem apenas a partir do que está explícito, mas também do que é sugerido, do não-dito que se atualiza na leitura. Trata-se de um gesto interpretativo atravessado pela ideologia, em que os sentidos são retomados de forma silenciosa, mas potente. A comparação com cobras, portanto, não é neutra, ela se ancora em uma formação discursiva que historicamente projeta o corpo negro como estranho, ameaçador e desumanizado.

Nas palavras de Orlandi (2023), não é possível pensar espaço e significação sem pensar na questão do corpo. Segundo a autora, “não dá para pensar um sujeito sem significar, ao mesmo tempo, o corpo desse sujeito” (p. 18), pois esse “corpo passa a funcionar como mais uma das evidências que constituem o processo de interpelação e da individuação dele em sujeito individuado sócio-politicamente” (p. 23). O corpo negro, nesse caso, é atravessado por sentidos que o inscrevem historicamente em posições de inferiorização e rejeição social.

Ainda, a construção do meme associa o cabelo da participante Aline Patriarca à figura da Medusa, criatura mitológica com serpentes no lugar dos cabelos. Essa associação imagética reforça estereótipos racistas ao sugerir que o cabelo negro se assemelha a algo monstruoso e ameaçador.

Figura 5: Imagem da criatura mitológica Medusa, usada para criar o meme racista do BBB 25



Fonte: Imagens Google

A imagem original utilizada no meme é uma representação artística da Medusa, personagem da mitologia grega que simboliza o medo, o perigo e o monstruoso feminino. A associação dessa figura à participante Aline Patriarca, uma mulher negra de cabelo crespo, revela um gesto de interpretação que se manifesta pela metáfora e pela animalização. Ao deslocar os traços simbólicos da Medusa, como as serpentes no lugar dos cabelos, para uma mulher negra, o enunciado do meme ativa um imaginário racista e sexista, profundamente enraizado na sociedade. Trata-se de uma operação discursiva que não apenas reduz o cabelo negro a um elemento grotesco, mas que também projeta o corpo negro feminino como estranho, indesejado e ameaçador.

Pautar o corpo através de diferentes marcas, como a textura do cabelo, concerne a um gesto que pode ser interpretado como não somente voltado para as tensões inconscientes, mas também para as determinações da ordem da exterioridade (Vinhas, 2021, p. 148). Nesse sentido, "a imagem feita de determinado corpo é determinada ideologicamente" (Vinhas, 2021, p. 158), o que revela como o

discurso se ancora em estruturas sociais que naturalizam a exclusão e a inferiorização. A leitura do corpo negro, nesse contexto, não é livre de sentidos históricos e simbólicos que o posicionam como o outro, como aquilo que deve ser controlado, apagado ou ridicularizado.

Ao refletir sobre os efeitos da repetição na produção dos sentidos, Orlandi (2003) nos lembra que todo dizer está inscrito na memória e que a repetição histórica dos sentidos não é neutra, mas carrega deslocamentos e efeitos metafóricos. Segundo a autora:

Não há dizer que, para fazer sentido, [...] não se inscreva na memória. Não há dizer que não se faça a partir da repetição. No entanto, na repetição histórica, há deslocamento, deriva, transferência, efeito metafórico. E o efeito metafórico é retomada pelo esquecimento, desliza para outro lugar de sentido, novo gesto de interpretação (Orlandi, 2003, p. 15).

Nesse sentido, o gesto de associar o cabelo negro à monstrosidade age como uma estratégia de inferiorização que atualiza sentidos coloniais e racistas em novas materialidades, funcionando como efeito de repetição que se naturaliza no discurso digital. Assim, o meme ativa sentidos racistas e sexistas já presentes na sociedade, rerepresentando-os sob novas formas. A metáfora que transforma o cabelo negro em serpentes associa a mulher negra a uma figura monstruosa, reforçando estigmas históricos. Ao se esconder sob o disfarce do humor, esse tipo de discurso repete e atualiza o racismo, desumanizando o corpo negro e mascarando a violência simbólica como simples brincadeira.

Como destaca Nascimento (2019, p. 251), "ao negar, boicotar e interditar o corpo feminino negro, produz-se um silenciamento que afirma uma posição patriarcal, machista e segregadora e que se coloca nas fronteiras do acontecimento discursivo na relação com a história". Nesse processo, o corpo da mulher negra é interditado enquanto sujeito de afeto, respeito e reconhecimento, permanecendo marcado por discursos que o inferiorizam e marginalizam sob diferentes roupagens, inclusive nos meios digitais.

Dessa forma, o meme analisado não apenas expõe uma forma específica de violência, mas evidencia como o discurso digital pode reforçar estruturas de exclusão sob a aparência de leveza ou brincadeira. Ao recorrer a figuras míticas e elementos visuais associados ao grotesco, ele aciona uma memória social marcada

pela desumanização do corpo negro, sobretudo do corpo feminino negro. O gesto de associar o cabelo negro à monstruosidade age como uma estratégia de inferiorização, que atualiza sentidos coloniais e racistas em novas materialidades. Assim, compreendê-lo não é apenas desvelar uma imagem ofensiva, mas também reconhecer o funcionamento ideológico que sustenta formas de discriminação que persistem, silenciosas, disfarçadas, mas ainda profundamente enraizadas no imaginário social.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar a produção de sentidos racistas em memes que circularam no contexto do programa Big Brother Brasil, sob a perspectiva da Análise de Discurso de linha pecheuxtiana. A partir da articulação entre os conceitos de discurso, sujeito, ideologia, interdiscurso e memória discursiva, buscou-se compreender como os memes, enquanto práticas discursivas digitais, contribuem para a atualização de discursos de ódio racial no ambiente *online*.

Conclui-se, assim, que os memes não apenas vinculam-se a discursos sociais, mas participam ativamente da construção e da naturalização de sentidos historicamente marcados. Os casos analisados evidenciam a presença de estereótipos racistas direcionados a mulheres negras, mobilizando representações associadas à subalternidade, à animalização e à monstruosidade. Esses sentidos não surgem de forma espontânea, mas se sustentam na memória discursiva, atualizando formações ideológicas que atravessam a história brasileira desde o período colonial até os dias atuais. Como aponta Orlandi (2005), todo dizer é sustentado por uma rede de já-ditos, sendo o interdiscurso o que possibilita o surgimento de novos sentidos, ainda que sob a repetição ideológica.

A Análise de Discurso, ao abordar o funcionamento dos discursos no digital, permite deslocamentos importantes tanto no campo teórico quanto na leitura das práticas comunicacionais contemporâneas. Conforme Cristiane Dias (2016, p. 16), a unidade significativa digital “vai além do compósito heterogêneo de elementos de distintas naturezas materiais. Sua significação se dá pela maneira como o discurso se constitui, se formula e circula atravessado pela materialidade digital.” Assim, ao analisar sentidos aparentemente estabilizados pelos dispositivos técnicos, a AD desestabiliza evidências naturalizadas e abre caminhos para a formulação de novos sentidos. Dessa forma, revela-se como uma ferramenta fundamental para compreender como práticas aparentemente triviais, como os memes, operam enquanto dispositivos ideológicos potentes na construção e na reprodução de visões de mundo.

Por fim, compreender o funcionamento discursivo dos memes racistas permite observar como sentidos discriminatórios são atualizados e naturalizados na circulação digital. A análise desses enunciados possibilita problematizar a maneira como o humor contribui para a manutenção de formações ideológicas marcadas

historicamente. Assim, ao trazer os memes para o centro da reflexão discursiva, este trabalho busca contribuir com os estudos da linguagem, especialmente no que diz respeito às formas como o digital opera na constituição de sentidos e na reprodução de desigualdades raciais.

REFERÊNCIAS

- BLACKMORE, Susan. **The Meme Machine**. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- COURTINE, J-J. “O corpo anormal: História e antropologia culturais da deformidade”. In: CORBIN, A. COURTINE, J-J.; VIGARELO, G. **História do Corpo: as mutações do olhar: o século XX**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008, p. 253-340.
- DAWKINS, Richard. **O Gene Egoísta**. Tradução de Rejane Rubino. São Paulo. Companhia das Letras. 2007.
- DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo**. Campinas, Sp: Pontes Editores, 2018.
- DIAS, Cristiane. **A análise do discurso digital: um campo de questões**. Redisco, Vitória da Conquista, v. 10, n. 2, p. 8-20, 2016.
- DIAS, Cristiane. Espaço, tecnologia e informação: uma leitura da cidade. In: RODRIGUES, Eduardo. A.; SANTOS, Gabriel. L. dos.; BRANCO, Luiza. K. C. (Orgs.). **Análise de discurso no Brasil: pensando o impensado sempre: uma homenagem a Eni Orlandi**. Campinas: RG, 2011a. p. 259-272.
- DIAS, Cristiane. Textualidades seriadas: entre a repetição, a regularização e o deslocamento, o caso dos memes. **Rasal Lingüística**, v. 2, p. 55-74, 2019. Disponível em: <https://rasal.sael.org.ar/index.php/inicio/article/view/131/284>. Acesso em: 30 mai. 2025.
- DIAS, Filipe; TELES, Natalia; KARIME, Pethalla; GROHMANN, Rafael. Memes, uma meta-análise: proposta a um estudo sobre as reflexões acadêmicas do tema. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXVIII, 2015, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. São Paulo: Intercom, 2015.
- GONZÁLEZ, L. A Mulher Negra na Sociedade Brasileira – uma abordagem político-econômica. In: RIOS, F.; LIMA, M. (org.). **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 49-64.
- MODESTO, R. Interpelação ideológica e tensão racial: efeitos de um grito. **Littera: Revista de Estudos Linguísticos e Literários**, v. 9, n. 17, p. 124-245, 2018. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/view/10378>. Acesso em: 31 mai. 2025.
- MORAES, Francine; MENDES, Gustavo; LUCARELLI, Talita. **Memes na internet: a web 2.0 como espaço fecundo para propagação**. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Recife, PE, 2 a 6 de setembro de 2011.
- NASCIMENTO, E. A. Paráfrases d(a imagem) (d)o corpo em protesto: os sentidos de feminismo(s) no foco da resistência negra. **Revista do Seta**, Campinas, v.9, p. 240-252, 2019. Disponível em:

<https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/seta/article/view/6402>. Acesso em: 31 mai. 2025.

NETA, Juracy. **A imagem técnico-memética no Facebook**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p.51-71; 85-151. 2016.

NUNES, J. H. Leitura de arquivo: historicidade e compreensão. In: FERREIRA, M. C.L.; INDURSKY, F. (org.). **Análise do discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos, SP: Claraluz, 2007, p. 373-380.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: Princípios & Procedimentos. São Paulo: Pontes Editora, 2005.

ORLANDI, Eni. **Michel Pêcheux e a Análise de Discurso**. Estudos da Lingua(gem). Vitória da Conquista, n.1, p. 9-13, jun.2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. EXTERIORIDADE E IDEOLOGIA. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, SP, V. 30, jan/jun 1996. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637037>. Acesso em: 03 dez. 2024.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e Texto**: Formulação e Circulação de Sentidos. 3ª Edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico. In. DIAS, Cristiane. **Formas de mobilidade no espaço e-urbano: sentido e materialidade digital** [online]. Série e-urbano. Vol. 2, 2013, Consultada no Portal Labeurb – <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/> Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Ler a cidade: o arquivo e a memória. In: ORLANDI (org.). **Para uma enciclopédia da cidade**. Campinas, SP: Pontes, 2003. p. 7-20.

ORLANDI, E. P. O corpo na Análise de Discurso: entrevista com Eni Orlandi. In: FERREIRA, M. C. L.; L. V. (org.). **O corpo na análise de discurso** – Conceito em movimento. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2023. p. 15-34.

PACHECO, A. C. L. **Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar**: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia. 2008. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento? Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes Editores, [1983] 1990.

PÊCHEUX, M. Papel da Memória. In: Achard, P. et. al. **Papel da Memória**. Trad. José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

REZENDE, D. T; TÁRREGA, M. C. V. B. Colonialidade do corpo feminino negro: trabalho reprodutivo no período escravocrata brasileiro e Justiça Racial. **Revista Videre**, Dourados, v. 13, n. 27, p. 227-243, 2021. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/videre/article/view/14416>. Acesso em: 31 ago. 2025.

SANTOS, A. M. **O estudo de memes no ensino de línguas**. 2015. 78 f. Dissertação (Mestrado Profissional de Letras) – Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2015. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/6459/1/ANSELMA_MORAIS_SANTOS.pdf. Acesso em: 03 dez. 2024.

SILVA, A.C. S. **O discurso mêmico sobre o sujeito-professor em redes sociais**. 2020. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2020.

TESTA, L. F. **Uma análise dialógica do discurso sobre o trabalho docente no gênero meme**. 2020. 107 f. Dissertação (Mestrado em Letras) — Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2020, Disponível em: <https://repositorio.utfpr.cdu.br/jspui/bitstream/1/4919/1/analisedialogicadiscursomeme.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2024.

VINHAS, L. I. O corpo na Análise de Discurso: materialidade, lugar de enunciação, subjetividade. **Revista Língua & Literatura**, Frederico Westphalen, v. 23, n. 42, p. 143-163, 2021. Disponível em: <https://revistas.fw.uri.br/revistalinguaeliteratura/article/view/3966/3188>. Acesso em: 31 mai. 2025.